

O dia das mães: botando a mãe no meio

Pedro Paulo V. A. Azevedo*

Acredito que todos os leitores já devem ter ouvido coisas no gênero: “*o dia das mães foi criado para o comércio*”, ou ainda, “*dia das mães são todos os dias*”, essa última normalmente dita pelas mães. Essas asserções não deixam de ser verdadeiras, pois é sabido, por um lado, o quanto o comércio vive dessas datas para aumentar seu faturamento, por outro, o quanto, apesar da veracidade, no segundo dito a coisa não fica bem esclarecida. Imaginar que todos os dias do ano são dias da mãe? Não parece um exagero? Claro que sim, daí sua verdade.

Para esclarecer essa situação será preciso “*botar a mãe no meio*”, expressão considerada outra blasfêmia no nosso leigo mundo, mas que para nós psicanalistas se reveste de toda a importância. A mãe está sempre no meio, ela é o próprio meio e nada se faz que não seja em meio a ela. Da maculada concepção ao nascimento, do nascimento ao crescimento, do crescimento a maturidade, da maturidade a morte. A mãe trafega por todas as estações, da primavera ao inverno, passando pelo verão e o outono da vida. A mãe está sempre no meio, referencial absoluto que é. Nada acontece fora dela, estando presente mesmo quando ausente.

Pode se pensar no pai ausente, imprudente pensar na mãe ausente, pois mesmo quando ausente se faz presente na ausência. Explico: se não há uma mãe, o sujeito tem que dar um jeito de encontrar uma nem que seja numa macaca, como o legendário Tarzan, ou numa loba como no caso de Rômulo e Remo, fundadores de Roma e em parte de nossa civilização. Mãe macaca, mãe loba, mãe natureza, mãe Terra. Sempre haverá uma mãe, um referencial, mesmo que seja para nada referenciar. Nesse caso a mãe é essencialmente a falta absoluta da referência. Falta de referência que necessariamente remete a uma outra referência, que remete a outra, e a outra, até o fim dos tempos ...

Devo mais uma vez esclarecer: o sujeito pode deixar de se reportar a um pai, e nesse caso o estrago nunca é pequeno, mas não pode nunca deixar de se reportar a uma mãe, pois nesse caso não há estrago, não há nenhuma vida a ser estragada. Se referenciar a uma mãe é o único elemento que pode mantê-lo vivo. Ser vivo é ser vivo, e

ser vivo é ser mãe. Se uma mãe não aparece é a vida do próprio sujeito que se faz mãe. A vida é a mãe. A mãe vida.

Espero que essas palavras não estimulem as ditas “super-mães” que na verdade nada mais são que mães fragilizadas, mães que escondem na sua onipotência toda a sua impotência. Para uma mãe ter como seus todos os dias do ano e da vida, deve aprender uma lição, não requisitá-los. É graça, não barganha. A mãe que tudo requisita se anula, principalmente quando recebe o que requisitou. Se anula na pujança de sua gula filicida. Seus filhos expropriados de tanto se doarem deixam de existir. Ora, se deixam de existir como filhos a anulam como mãe. Espécie de vingança calada de quem teve a vida roubada.

É a mãe que diz para o filho: “*você é a minha vida!*”. Lindo não? Não. O que se tem aí, muitas vezes encoberto pela ingenuidade da expressão é uma mãe que está dizendo para seu filho: “*você é a minha vida, não a sua*”. Temos aí uma vida caçada. A vida não é do filho, é da mãe, e que acaba não sendo de ninguém, e o que sem tem é apenas sofrimento. Mães e filhos sofridos.

Portanto para uma mãe encontrar a graça e ser para os filhos todos os dias de suas vidas deve encontrar a sabedoria de não querer tê-los. É o velho dito popular: “ *a melhor maneira de se prender é soltando!*”.

Termino contando uma peça do anedotário judaico que ilustra bem o valor, a grandiosidade e ao mesmo tempo o perigo da dita “mãe judia”. Diz que há três boas razões para se crer que Jesus era judeu: 1. Ele não se casou até os 33 anos; 2. Acreditava que sua mãe era virgem e 3. Sua mãe o sabia Deus.

Feliz dia das mães!!

*Pedro Paulo é psicanalista, titulado pela Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ), filiada à International Psychoanalytical Association (IPA).